



## VOZES DE DUAS EDUCADORAS SOBRE A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO DE CAAPORÃ/PB: ENSINO PRIMÁRIO E SECUNDÁRIO (1949-1970)

Marilene Maria Barros da Silva

mbarros.silva@hotmail.com

Tatiana Medeiros Santos

taty\_ms11@hotmail.com

(UFPB)

### Resumo

O objetivo deste trabalho é problematizar o início da institucionalização do ensino primário e secundário no município de Caaporã/PB (1949/1970), através das vozes de duas educadoras desta cidade. Este estudo se fez necessário, porque apesar da existência de uma legislação que regularizava a institucionalização desta modalidade de ensino, muita coisa aconteceu em Caaporã até a fundação do primeiro prédio escolar primário e outro para o secundário no município. Acreditamos que nada melhor do que quem viveu esses momentos para nos contar estes acontecimentos particulares de uma determinada cidade da Paraíba. Optamos pelos pressupostos teórico-metodológicos da Nova História Cultural. Pois entendemos que esse percurso permite compreender a partir dos relatos destas educadoras, quais são as experiências e as mudanças ocorridas com a institucionalização da educação na cidade. Entendemos que os relatos obtidos dizem respeito a acontecimentos não registrados pela historiografia oficial e sem a pretensão de dar conta desse passado, pretende-se neste artigo elaborar uma nova leitura da realidade, suas contradições e singularidades. Como resultados, as educadoras revelaram que muita coisa aconteceu na cidade, a exemplo da necessidade de emancipação política do município. A institucionalização da escola em um terreno que já foi o cemitério da cidade. Elas relataram traços de um progresso trazido apenas por questões políticas e não em desenvolver a educação da cidade, por isso, notaram-se algumas faltas nesta trajetória de escolarização. Portanto, ficou evidenciado que a institucionalização da educação primária e secundária em Caaporã aconteceu de forma tardia em relação ao instituído nas reformas educacionais de nosso país.

**Palavras-chave:** Educadoras. Memórias. História oral. Escola.

### Considerações iniciais

Nos últimos anos, há um crescente interesse de pesquisadores preocupados em elaborar um novo fazer histórico adequado aos usos e apropriações dos diferentes objetos educacionais, como por exemplo, a inserção dos marginalizados da história, em trazer à tona a sua história, a partir dos seus relatos, valorizando a história e tendo o pesquisador o cuidado de entender que essa é apenas uma oportunidade de retratar uma das várias versões de um mesmo fato, contribuindo assim, no alargamento de novos universos da história.

Dessa forma, interessei-me em compreender, a partir das histórias e memórias de duas educadoras que vivenciaram a chegada da educação primária e secundária no município de Caaporã/PB: o que tornou possível à chegada dessa educação? Como as educadoras Lúcia e Carliete retratam as suas experiências? Quais as mudanças ocorridas após a institucionalização da





**IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”**  
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

educação na cidade? Essas questões me levaram a desenvolver o presente artigo, que faz parte de uma pesquisa realizada que resultou na elaboração de um Trabalho de Conclusão de Curso – TCC e tem a pretensão de se transformar em um projeto de mestrado, haja vista em que, ainda ficaram muitas questões a serem respondidas através do aprofundamento desta pesquisa.

Para tanto, neste artigo, pretendemos problematizar a chegada do Ensino Primário e Secundário através das vozes de duas educadoras da Cidade de Caaporã/PB (1949 - 1970). As educadoras em questão são Lúcia Santos de Lima e Carliete Trajano Viana dos Santos, ambas nascidas em Caaporã PB, onde a educadora Lúcia vivenciou a chegada do Ensino Primário e Secundário ministrado a princípio, informalmente e por voluntários, donas de casa que dispunham de seu tempo livre para ministrar aulas em suas residências. Hoje, a educadora é gestora da Escola Municipal Severina Helena e vivenciou todo esse processo da chegada da formalização da educação no município bem como, após ter as primeiras instruções, buscou sua formação efetiva em outro município formando-se posteriormente em normalista e anos depois licenciada em Geografia, chegando a ministrar aulas no prédio construído no antigo cemitério da cidade para as crianças e adolescentes que tinham condições para pagar pelos seus estudos. A educadora Carliete vivenciou a construção do Grupo Escolar Adauto Viana tendo q a princípio pagar por seus estudos. Hoje após sua formação também buscada em outro município, exercendo atualmente a função de Secretária de Educação do Município de Caaporã PB.

Para tanto, de acordo com Le Goff (1994) se faz necessário reafirmar que a memória, o tempo e a história devem caminhar juntas, em uma relação de assimilação e construção da história, dando voz também às minorias. Isso nos remete a construir a história sob a perspectiva de quem viveu esses acontecimentos reafirmando e resignificando o passado.

Nesse sentido, Lowenthal (1981, p.73) afirma que “[...] conhecer o passado é uma façanha tão extraordinária quanto alcançar o infinito ou contar estrelas, já que, mesmo bem documentado, ele tende a se tornar fugidio e imenso em sua extraordinária dimensão e variedade de situações.”. Dessa forma, entendemos que a contribuição maior é a de buscar evitar que o ser humano perca referências fundamentais à construção das identidades coletivas. E como afirma Santos (1994) são esteios fundamentais do auto reconhecimento do homem como sujeito de sua





## **IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”**

**Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5**

historia. Assim é possível compreender que as narrativas orais traduzem a memória e a consciência da memória no tempo vivido.

As questões implicadas no ensino primário e secundário de Caaporã/PB serão trazidas à tona respeitando as peculiaridades específicas ao tempo e espaço histórico em que incidiram os acontecimentos (micro e macro acontecimentos). Nos depoimentos das educadoras será desvelado a chegada do ensino primário e secundário nos anos de 1949 à 1970, onde se inicia os primeiros movimentos referentes a formalização escolar, nesta cidade, até a construção efetiva do primeiro prédio escolar no município de Caaporã/PB, bem como, os eventos que estavam ocorrendo durante as experiências relatadas pelas educadoras entrevistadas. Ou seja, não é de meu interesse dar conta da totalidade destes acontecimentos, mas reintegro aqui que se trata apenas de uma versão desse acontecimento histórico ocorrido na educação da cidade de Caaporã, contado através das vozes de duas educadoras do município.

O interesse neste campo de estudo é o de contribuir para a História da Educação da Paraíba dentro do contexto brasileiro, bem como, contribuir para o Município de Caaporã nos arquivos historiográficos da cidade, e na valorização das pessoas que vivem e estiveram presentes no decorrer do processo de produção da história do município. Deste modo, dar voz, a história das educadoras que, por sua vez, estiveram silenciadas pela historiografia oficial. Portanto, acredito ser importante entender a história da educação pautada em reflexões históricas que de fato garantam a formação do sujeito crítico, reflexivo e transformador de sua realidade.

### **Situando as educadoras Lúcia Santos de Lima e Carliete Trajano dos Santos Viana**

#### **Lúcia Santos de Lima...**

Nasceu em 13 de agosto de 1952, natural de Goiana – PE. Filha de Eduardo Irineu dos Santos e Maria José Ferreira, casada com Luiz Alves de Lima, tendo quatro filhos: Luís Eduardo, Luciano, Luciana e Lianna Santos de Lima. É formada em Geografia e hoje exerce a função de Gestora Educacional na Escola Municipal Severina Helena na Cidade de Caaporã PB. É educadora da cidade de Caaporã. De acordo com entrevista realizada no dia 27 de agosto do ano de 2010, a

4772





**IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”**  
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

mesma informou que iniciou seus estudos no em 1961, estudou a carta do ABC e em 1962 a Cartilha do Povo, ambas com a professora “Farailde Cordeiro”. Estudou de 1º ao 4º ano nos anos de 1963 a 1966 nas Escolas Reunidas de Caaporã, escolas essas denominadas assim, devido às diversas localidades sem prédio próprio onde se ministravam aulas para as crianças que moravam perto de cada localidade, onde a mesma estudou em um lugarejo chamado popularmente por Pindorama, tendo como professora “Maria Rosa Dutra Gondim”. Em 1967 ingressou na Admissão ao Ginásio em uma Escola Particular, tendo como professora “Cleide Alves Bonfim”. Em 1968 prestou exame de seleção, no qual foi aprovada e matriculada para o 1º ano ginásial, concluindo o 4º ano ginásial em 1971; no ano seguinte matriculou-se no curso pedagógico (magistério) no Colégio Municipal IV Centenário, em Goiana – PE, formando-se professora no ano de 1974.

A educadora menciona que estudou com a Carta do ABC e a Cartilha do Povo, esses foram os seus instrumentos de alfabetização em 1962. Iniciou sua carreira profissional como professora de Geografia no Colégio de Caaporã, pertencente à Fundação Padre Ibiapina, a partir de 10 de março de 1975, permanecendo até 01 de setembro de 1979, ingressando, neste período, mais precisamente em 13 de maio de 1976, como professora polivalente, fixada na Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Paraíba, com exercício no Grupo Escolar Alberto Lundgren, em Caaporã PB, prestando concurso público, sendo nomeada em 27 de março de 1978, local aonde atua até hoje. Em 1982 prestou vestibular para o curso de Licenciatura Plena em Geografia na Faculdade de Formação de Professores de Goiana, sendo aprovada, concluindo o referido curso em 1986. Em janeiro de 1992 prestou concurso público para professora de Geografia da Prefeitura Municipal de Caaporã, sendo nomeada neste mesmo ano para exercer a função de Vice – Diretora da “Escola Municipal Severina Helena dos Santos Veloso”. Nos anos de 1993 e 1994 afastou-se de suas atividades profissionais no município, com licença sem vencimentos. Nos anos de 1993 -1995 ingressou e concluiu o Curso de Especialização em Administração da Educação na Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Retornou as suas atividades profissionais em outubro de 1995, para exercer o cargo de diretora da “Escola Municipal Severina Helena dos Santos Veloso”, função que desempenha atualmente.





### Carliete Trajano dos Santos Viana...

A Educadora Carliete Trajano dos Santos Viana nasceu em Caaporã município da Paraíba, tem 54 anos, é viúva e tem dois filhos. No ano de 1963 estudou a cartilha, entre os anos de 1964 a 1967 fez da 1ª a 4ª série do primário. Duas dessas séries foram feitas nas Escolas Reunidas de Caaporã (com funcionamento na casa da professora) e as outras duas séries foram feitas no Grupo Escolar Aduino Viana (Atualmente denominado Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio Aduino Viana). No ano de 1968 cursou a Admissão e nos anos de 1969 a 1973 cursou o curso ginásial, no Ginásio Comercial de Caaporã, (com funcionamento no prédio do Grupo Escolar Municipal Aduino Viana – no turno da noite). Este curso funcionava em convênio com a Fundação Padre Ibiapina e era particular. No ano seguinte matriculou-se no curso pedagógico (Magistério) no Colégio Municipal IV Centenário, em Goiana PE, formando-se professora para as séries iniciais no ano de 1976.

Nesse período, já atuava como professora da rede Municipal de Ensino, tendo sido admitida em concurso público no ano de 1975, entretanto, já lecionava há mais de quatro anos, dando aulas particulares.

No ano de 1979 prestou vestibular na UFPB e foi aprovada para o curso de Pedagogia, tendo concluído o referido curso em 1982 e habilitou-se em Administração Escolar.

No início do ano de 1983, foi convidada a ingressar na rede Estadual e passou a dar aulas na Escola Estadual Alberto Lundgren (nas séries iniciais). Paralelamente, ensinava tanto na rede municipal quanto na estadual e a noite atuava como Secretária Escolar no então Colégio de Caaporã no qual funcionava da 5ª a 8ª série e o 2º grau.

Anos depois, em 1996, concluiu o curso de especialização em administração escolar, desta vez pela UFRJ.

Na esfera Municipal desempenhou as funções de professora, suporte pedagógico (Supervisora), diretora e vice-diretora de escolas, chefe de Departamento da Educação e assumiu a gestão da Secretaria de Educação por três vezes, estando atualmente na 4ª gestão (períodos intercalados e consecutivos).





Considera que para que qualquer ação educativa se faz necessário o respeito ao trabalho de todos, pois, a ação coletiva é essencial para que o trabalho da escola dê certo e para que isso aconteça, ela (escola) precisa ser uma escola concreta, viva e real, comprometida com os direitos dos que nela trabalham e estudam. Assim é responsabilidade de todos participarem para a conquista de uma educação de qualidade, pois somos responsáveis.

### **Vozes de duas educadoras sobre a institucionalização da educação de Caaporã/PB: ensino primário e secundário**

Foi um desafio desenvolver um trabalho, cuja fonte básica é a oralidade, pois trabalhei com questões consideradas cotidianas, confirmando assim, o caminho da história de pessoas comuns, como as dessas duas educadoras, que com suas histórias particulares de vida perpassam a sua experiência de geração em geração de uma maneira subjetiva.

Procurei reunir informações destas educadoras, reconstituindo os relatos de suas memórias enquanto alunas, que contribuíram para a formação deste município e a institucionalização da educação na cidade de Caaporã PB, mas, foram esquecidas da história documentada e contada.

Sendo assim, nesse estudo, será problematizada uma história particular que está dentro de um contexto social vivido por duas educadoras que trazem à tona a possibilidade de reconstruir comportamentos, sensibilidades de uma época, que até então se encontravam marginalizados da história oficial da cidade. Durante essa pesquisa pude reviver momentos significativos que, produziam imagens e sentimentos de um tempo vivido.

Na tentativa de historiar o processo de institucionalização da escolarização na cidade de Caaporã no que tange o ensino primário, inicialmente busquei como referência a educadora Lúcia Santos, a qual já publicou um livro sobre “A história de Caaporã”. Para tanto, vou entrecruzar os fios da história revelada em seu livro e suas memórias.

Segundo Lima (2003), Caaporã está localizada no Litoral Sul paraibano, cidade de origem indígena, formada da junção “Caa” que significa Boca e “Porã” que significa Mata, tendo a participação da tribo Caetés por volta do século XVIII. Em 1800, “Boca da Mata” como era





## IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

chamada esta cidade, segundo a educadora Lúcia Santos, pertencia ao Coronel Miranda. A partir de 1843, o Coronel vendeu o ‘Engenho Tabu” para o senhor João Sá, esse local servia de passagem para os viajantes com destino às praias de Pitimbu e Acaú. Entre 1917 e 1918, os donos venderam essa propriedade ao “Senhor Coronel Alberto Lundgren”, que posteriormente, fixou residência na “Fazenda Tabu”, a qual, ainda possuía escravos pertencentes aos antigos proprietários. Esses escravos passaram a trabalhar no ofício da palha de cana, na fabricação da cachaça e da rapadura, que foi os primeiros produtos que fizeram parte da economia da região, surgindo assim, a construção e moradia de pessoas às margens da estrada.

De acordo com Lima (2003), pela divisão administrativa do Estado até 1948, Caaporã era distrito de Cruz do Espírito Santo, bem como, Pedras de Fogo. Conforme a Lei nº 895 de 11 de março de 1953, Pedras de Fogo ganha a sua emancipação e Caaporã passa a pertencer como distrito ao novo município de Pedras de Fogo.

Lima (2003) informa que entre as décadas de 1930 à 1940, a educação foi desenvolvida informalmente e voluntariamente em residências de pessoas que não eram formadas, mas que detinham um certo conhecimento, resumindo-se no ensino das letras e das quatro operações, sendo seu principal objetivo “letrar o povo para votar na eleição”.

Não existia assim, uma preocupação de letrar o povo na perspectiva de tirá-los da ignorância e sim para inseri-los em interesses puramente político e recrutar o maior número de sujeitos para ajudar no progresso do país e para isso, precisava letrar o povo.

Vidal e Filho (2005) ressaltam ainda que, essas escolas utilizavam-se em sua maioria, de espaços cedidos e organizados por pais e jovens dos quais os professores deveriam ensinar, sendo o pagamento do professor de responsabilidade do chefe da família ou da pessoa que o contratava.

Portanto, percebe-se que existia uma preocupação em particular pelas famílias de poder aquisitivo melhor em educar seus filhos e conseqüentemente as crianças e jovens que moravam por perto usufruíam o privilégio de estudar.

Ainda de acordo com Lima (2003), em 1943 a professora Etelvina Mariano de Oliveira surge como a primeira professora contratada pelo estado da Paraíba para lecionar neste município, do 1º ao 4º ano. A escola funcionava a principio, em uma Igreja (hoje, capela de São Sebastião)





**IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”**  
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

construída de taipa pelos moradores e atendia alunos pela manhã e à tarde, a noite era realizado os cultos religiosos, funcionando assim, durante dois anos.

De acordo com Lima (2003), em 1950 surge a primeira tentativa de organização escolar, denominada de “Escolas Reunidas de Caaporã”, que se constituía em vários imóveis, onde a dona de casa se propunha a ensinar nas vilas em que moravam e desenvolviam atividade pela qual, recebiam uma ajuda de custo do município de “Cruz do Espírito Santo” depois de “Pedras de Fogo” município dos quais Caaporã/PB veio a pertencer.

Este modelo de Escolas Reunidas, segundo Carvalho (2003) e Souza (1998) seria a criação signatária do processo do novo regime que, para a realização de tal desígnio passou a agenciar eventos cívicos que deram visibilidade ao propósito principal que seria a modernização e civilização dos costumes. Sua proposta seria a de promover escolarização aos sujeitos na expectativa de expandir a educação já que, o país tinha por objetivo progredir tecnologicamente e para isso precisava de sujeitos instruídos.

Lima (2003) destaca que as casas-escolas eram denominadas de “Escola de Catolé, Escola de Tabu e Escola de Barreiras Grandes”, todas denominadas conforme a referencia das vilas até então existentes. Essas vilas eram denominadas assim conforme a sua localidade, vilas em que havia um bom número de moradores. E ainda ressalta que o processo de ensino e aprendizagem se dava através do domínio das letras e dos números, não existindo avaliação dos saberes adquiridos.

É possível perceber que não havia uma preocupação em fazer com os alunos crescessem ou avançassem para outros níveis de ensino, mais que deveriam apenas aprender a ler, escrever e contar para obter um desempenho considerável no desenvolvimento das atividades diárias e estar apto para votar.

A educadora Lúcia Lima em seu livro destaca (2003, p.77):

A apropriação do saber-aprendizagem, era dado pelo livro (cartilha) adotado para cada ano, correspondente ao nível de ensino. [...] Havia normas rígidas e disciplinares, como exemplo: a saída e entrada do aluno em sala de aula era controlado por uma pedra ‘seixo’. O aluno ao se afastar para uma necessidade levava a pedra que ficava depositada na banca da professora e ao voltar a devolvia. Era utilizado também o castigo de joelhos em cima de caroços de milho. Durante o tempo determinado pela professora. Isto em decorrência de ter feito alguma coisa errada segundo o seu entendimento, que ia desde errar a lição,

4777





## IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

tarefa passada pela professora, até a indisciplina transparente no comportamento dos alunos, como por exemplo: conversas em classe durante a aula.

Percebo que nesse período a forma de controle dominante na sala de aula dominante eram os castigos como forma de manter a disciplina em sala de aula, pois a escola até então é concebida como o local onde a criança além de aprender a ler e contar também devia aprender boas maneiras.

De acordo com Foucault (1987), o sucesso da escola reside na capacidade de ser uma instituição normativa e controladora do comportamento. A escola impõe um modelo de comportamento a ser seguido, bem como, aponta qual é o modelo marginalizado, estabelecendo, para os comportamentos desviantes da norma, o castigo disciplinar como corretivo.

A educadora em seu livro ainda narra que é em 1949 que surge em Caaporã à primeira instituição estadual com prédio próprio, denominada “Escola Estadual Alberto Lundgren”, que atendia o ensino primário.

O terreno desta instituição foi cedido pelo latifundiário da Fazenda Tabu, o Senhor Alberto Lundgren. A referida instituição tinha apenas três salas de aulas, não atendendo a toda população. Em 27 de dezembro de 1963 pela Lei nº 3.120, publicada no Diário Oficial do Estado em 12 de janeiro de 1964, por influência do “Senhor Horácio Miguel da Silva”, político de grande influência local naquela época, Caaporã tornar-se Município.

Ao entrevistar as duas educadoras relataram questões como a nomenclatura da cidade. Acredito que este depoimento foi revelado por Lúcia Lima, por compreender o quanto está história é importante para se perceber como a educação foi institucionalizada na sua cidade Caaporã, pois em sua entrevista ela volta a reafirmar o que já havia escrito em seu livro:

Quando eu comecei a morar aqui era ‘Boca da Mata’ Caa – Boca e Porã-Mata, palavra indígena. A palavra Boca da Mata, é o homem roceiro. Chamava-se Boca da Mata, por que até hoje a gente tem lá aquele restinho de mata (vai para Tabu) e era total, era Caaporã todo, do começo da rua até o final. A rua principal era justamente o caminho, onde os viajantes passavam com destino a Pitimbu e a Acaú, era só aquele caminho e o resto era tudo mata de um lado e mata do outro. (Lúcia, entrevista realizada em 27/08/2010).

Caaporã começa a se estruturar como uma espécie de vilarejo de passagem obrigatória para chegar à outros municípios que já haviam se estruturado, e do qual vai gerando interesses





**IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”**  
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

políticos e comerciais para a manutenção dos moradores existentes. A respeito das escolas a depoente Lucia destaca que:

Não tinha escola assim... prédio exclusivo da escola. As professoras daquela época, cada uma ensinava nas suas casas. Na casa da própria professora, a minha era lá em Pindorama, era Maria Rosa Dutra Gondim, (...). Estudei de 1º a 4º série com ela. Cada uma ensinava nas suas casas, mas eu não sei como elas recebiam, porque de graça não era e a gente não pagava nada por essa escola, eu acho que elas recebiam, porque Caapora na época pertencia a Pedra de fogo. (Entrevista com Lúcia realizada em 27/08/ 2010).

Os professores, como se pode observar a partir de sua fala, eram nomeados ou reconhecidos por algum político de influência, e por saberem instruir recebiam, alguma ajuda de custo.

Segundo Barbanti (1997, apud HILSDORF 1986):

Com professores reconhecidos ou nomeados como tais pelos órgãos de governos responsáveis pela instrução, essas escolas funcionavam em espaços improvisados, como igrejas, sacristias, dependências das câmaras municipais, salas de entrada de lojas maçônicas, prédios comerciais ou na própria casa residência dos mestres.

É possível perceber uma preocupação mais evidente na garantia de uma educação a população, pelo menos na garantia de que aprendessem as primeiras letras, a ler, escrever e contar.

Lima (2003) ressalta que, com a emancipação de Caaporã em 1964, o então prefeito Francisco Veloso de Assis construiu no terreno do antigo cemitério a Escola Municipal Aduino Viana, fundada em 1968 com a denominação de Grupo Escolar Municipal Aduino Viana, seu prédio foi construído com recursos da prefeitura e recebeu esse nome em homenagem a um ex-filho da cidade, o ex-vice prefeito da cidade de Pedras de Fogo, do qual Caaporã enquanto distrito pertencia.

De acordo com alguns relatos informais, foi possível compreender que, com a emancipação de Caaporã em 1964, o primeiro prefeito eleito Francisco Veloso de Assis construiu ao lado da primeira escola da cidade (hoje Igreja de São Sebastião), em terreno do antigo cemitério municipal, a Escola Aduino Viana, nome dado em homenagem ao esforço do mesmo em lutar para que a cidade se emancipasse com o decreto de criação de N°08/79, no dia 05/11/1979, a escola já





**IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”**  
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

funcionava em meados do ano 1965 (o dia e o mês até então não foram confirmados por decorrência de equívocos entre datas).

Pretensiosamente a doação do terreno para a construção da escola, a priori, apresenta-se como uma ideia nascida e protestada pelo povo, mas pode-se observar pelos relatos orais da educadora Lúcia que tinham cunho político, beneficiou sim a população, mais também veio atender a uma política de demanda estadual para minimizar os altos índices de analfabetismo em nosso estado. A preocupação, portanto, era letrar o povo, tendo em vista que essa política dentro do município não garantia a continuidade dos estudos para a população.

Lúcia ressalta que após cursar o primário em Caaporã PB, o município não oferecia até então a continuação dos estudos, assim comenta: “O Ensino Médio eu já fiz em Goiana, que foi o Pedagógico no IV Centenário. Depois eu passei um tempão sem estudar”. (Lúcia, 27/08/ 2010)

Por questões físicas estruturais da escola e também por falta de uma política pública preocupada com a formação dos cidadãos caaporenses, quem desejava cursar as demais modalidades de ensino, tinha que buscá-las em outra cidade que oferecesse esse grau de instrução.

Em meados de 1968 o Estado aprovou a Reforma do Ensino Superior e pouco depois em 1971 a Reforma do Ensino Primário e Médio, sendo essas reformas encabeçadas pelos intelectuais e políticos que buscavam interesses próprios. Estas reformas não contaram com a participação da sociedade civil, pois esta estava desmobilizada, e visavam desfazer “eventuais movimentos neste campo.” (GERMANO, 1994, p. 104).

A população estava preocupada em apenas garantir a mão de obra para o sustento de suas famílias.

Em 1950 e 1954 com o retorno de Getúlio Vargas ao poder, foram tomadas algumas medidas para a equivalência dos cursos profissionais no secundário, essas medidas foram ampliadas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1961. Elas foram adotadas devido ao número de trabalhadores que aumentava consideravelmente, porém o número de trabalhadores ditos qualificados ainda era muito pequeno.

Frente a esse contexto nacional relatado acima, na cidade de Caaporã, a depoente Lúcia relata:





## IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Aqui não tinha, (O ensino secundário) aqui só tinha até a 8ª série (Equivalente ao quarto ano ginasial). Fiz o segundo grau, que na época era o pedagógico em Goiana. Depois fiz faculdade, depois fiz especialização em administração escolar (UFPB). (Lúcia, 27/08/ 2010).

Percebe-se na fala da entrevistada Lúcia que a sua escolarização foi realizada na própria cidade, embora ainda não tivesse uma sede própria. Como vai denominar em seu depoimento mais a frente, como as escolas reunidas. E quem pretende-se continuar a sua escolarização e formação, precisaria sair da cidade para continuar seus estudos.

Pinheiro (2002) explica que em 1916 inaugurou-se o primeiro grupo escolar na Paraíba apontando as primeiras organizações escolares e substituindo as cadeiras isoladas, e em meio a esse processo substituição de um sistema para o outro surgiram as escolas reunidas ou agrupadas.

Segundo Pinheiro (2002, p.139 apud Amanach do Estado da Parahyba, 1912. p.645) esclarece:

Ao contrário do que ocorreu com as cadeiras isoladas, o processo de expansão dos grupos escolares apresentou um crescimento permanente. No período que se estendeu de 1916 a 1929, foram criados 14 grupos escolares no estado da Parahyba do Norte, cinco dos quais localizadas na capital e os demais, nas maiores cidades do interior, seguindo a norma inscrita na lei n. 360, de 14 de outubro de 1911, cujo artigo 9º estabelecia que os grupos escolares deveriam ser construídos, preferencialmente, nas sedes de municípios, especialmente aqueles em que as prefeituras se dispusessem a construir os prédios e a fornecer material escolar.

Frente a essas definições, pode-se perceber que apesar das conquistas adquiridas com a proposta do grupo escolar, pois isso significa um avanço no que representa a organização escolar, a efetivação da idéia do grupo escolar só se concretiza no município de Caaporã/PB em meados de 1968, após a emancipação da cidade que, se concretizou apenas em 1964.

No período de consolidação desta escola na cidade, o Brasil enfrentava o Golpe militar, consumado em 1 de abril de 1964, onde todo o ensino no país foi reorientado, implicando mudanças na legislação Educacional, ajustando-as a organização do ensino a nova situação. Souza (2008, p. 213) afirma: “[...] em 1959, a reforma do ensino industrial aliado à educação geral e técnica no primeiro ciclo sinalizou o caminho a ser adotado no processo de modernização da educação secundária”.





## IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Sendo assim, segundo Lima (2003) em Caaporã, a escola Aduino Viana foi construída com apenas três salas de aulas. Mas o número de alunos foi crescendo, portanto, sentiu-se a necessidade de ampliar o prédio, sendo construídas mais duas salas de aulas, atendendo aos alunos do Jardim Infância até o último ano primário. Visto que o número de alunos continuou aumentando e esses alunos não tinham como dar continuidade a seus estudos, pois o município só atendia o ensino primário, foram construídas mais sete salas de aulas construídas não para o município, mas para a fundação Padre Ibiapina com o intuito de atender o Ensino Ginásial.

Para destacar a institucionalização da educação em Caaporã Carliete relata que:

A escola Aduino Viana ela foi criada... quando foi criada eu não estou muito lembrada... mas eu me lembro que foi no primeiro gestor institucional mesmo que foi o prefeito Francisco Veloso de Assis, não me recordo bem o ano, Pereira é quem sabe desse ano, foi criado por Quinha Veloso. Na época quando ela iniciou-se, ela iniciou-se como Grupo Municipal Aduino Viana e sua clientela era mais para as séries iniciais (fundamental) e (primeiro grau). (Carliete, 27/08/2010)

Carliete confirma o que a Lúcia nos relatou inicialmente, que a escola foi criada com esse caráter político, de possuir independência para a emancipação política, não lembra a data, mas atribui a gestão do primeiro prefeito da cidade.

Carliete diferentemente de Lúcia, que apenas trabalhou na instituição, estudou na instituição Padre Ibiapina o seu segundo grau:

Bom, então a partir daí, pouco tempo depois, surgiu uma fundação padre Ibiapina, ela se associava aos municípios, para implantar, na época o então ginásio, que hoje são as séries finais do Ensino Fundamental e também posteriormente o Ensino Médio (Segundo Grau). (Carliete, 27/08/2010)

Essa educadora menciona as dificuldades para ser instalado o ginásio na sua cidade:

Então instalou-se ali o Ginásio. O município na verdade só bancava financeiramente as séries iniciais e com muita carência, juntou-se as representações do município daquela época e usou o prédio (do primário) da escola para fundar então o antigo Ginásio, do qual fui aluna. (Carliete, 27/08/2010)

Sendo assim, Carliete ao contrário da educadora Lúcia, cursou o primário e ginásio na sua própria cidade, não precisando sair de seu município para terminar o secundário, mas ambas fizeram o curso do magistério em outra cidade. Carliete ainda lembra o nome de alguns de seus professores:





## IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Terminei a 4 série no Adauto Viana, fiz a admissão e passei para o ginásio comercial de Caaporã que funcionava também no Adauto Viana. Depois o ginásio assumido pelo padre Ibiapina, veio o segundo grau, ou seja, as pessoas que foram concluído foram sentindo a necessidade de haver outra oportunidade. E naquela turma eu me lembro bem que (na primeira ou segunda) eram doze alunos quando chegaram e concluir apenas nove. Um dos primeiros alunos do Ensino Médio é a professora Cleide, Manoel Ricardo (...) foi essa turma. (Carliete, 27/08/ 2010)

O financiamento descrito nessa época para que a educação viesse a acontecer foi em virtude da boa ação de instituições religiosas. Nesse sentido a educadora Carliete destaca:

A fundação Padre Ibiapina fazia convênio com o Município, o Município cedia o prédio e as instalações e a Fundação cobrava uma taxa dos alunos. Isso foi muito ruim, foi bom por um lado, que cresceu o município, mas a maioria dos alunos era carente, a taxa era pequena, que era o meu caso mesmo, não tinha condições de pagar. (Carliete, 27/08/2010)

Frente a estas dificuldades financeiras e a imposição da taxa Carliete expressa a sua felicidade quando:

Dr. João assumiu sua primeira gestão em 1989 (90), entre os anos de 90 a 91, Dr. João tomou por decisão, (até então era pago) ele viu que não dava mais para comportar o município, teria que assumir essa parte, aí ele começou a assumir a segunda fase do ensino fundamental, passou-se para o Adauto Viana, a segunda e posteriormente, alguns anos depois ele assumiu o Ensino Médio (Na cidade). (Carliete, 27/08/2010)

Pode-se perceber, segundo Carliete, que o número de crianças aumentou gradativamente, e nem todas tinham recursos financeiros para estudar na instituição até então paga por quem desejava dar continuidade aos estudos. Dessa forma, o prefeito viu-se na obrigação de arcar com as despesas para com o ensino fundamental na cidade de Caaporã/PB.

Para completar Carliete conclui:

Dr. João incorporou no município o ensino médio, e assim em 92, 93 em diante estabeleceu-se assim a Escola de Ensino Fundamental e Médio Adauto Viana. A instituição incorporou todos os alunos do antigo colégio de Caaporã, que era onde funcionava esse outro da, ou seja, os alunos migraram do colégio de Caaporã, que no início funcionava através do Colégio de Caaporã, com prédio emprestado. Aí lógico, quando passou a ser gratuito, o município começou a pagar os professores, as despesas, aí o então Ensino Médio passou para o município. Os alunos migraram, todo mundo, extinguiu-se o Colégio Caaporã, por que não tinha quem queria pagar, já tinha suas carências e quando Dr. João absorveu, aí começou, passou para o Ensino Médio, como escola Municipal Adauto Viana [...] (Carliete, 27/08/2010)

4783





**IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”**  
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Assim, quando o município de fato, assume a responsabilidade com o ensino fundamental, e logo depois incorpora o Ensino Médio, os alunos migraram satisfeitos com a política de acesso a todos que como foi possível observar, em sua maioria não podia pagar os estudos.

### **Considerações finais**

A experiência de estudo de relatos da vida dessas educadoras através da oralidade revelou memórias construídas ao longo da história pessoal de cada educadora, bem como, as possibilidades reflexão proporcionadas pelas leituras das obras dos autores que discorrem sobre esse novo olhar do recontar a história a partir das experiências de quem viu e vivenciou certos acontecimentos históricos importantes em sua vida, proporcionando assim, revelações de quem se dispõe a contar suas experiências.

No conjunto das falas foi possível evidenciar os costumes e educação proposta na época, às dificuldades enfrentadas por quem viveu essa época na tentativa de estudar e dar continuidade aos estudos, compreender o quanto o processo de emancipação da cidade de Caaporã/PB, veio a facilitar o processo de organização escolar, bem como, refletir que a educação conforme as informações disponíveis a nível nacional no que se refere à história da educação em nosso país foi de fato, nesse município um processo lento e burocrático e tardio.

Especificamente pude perceber nas histórias dessas educadoras e a partir de suas memórias alguns esclarecimentos sobre os pequenos detalhes possíveis de serem descobertos apenas nas declarações dadas pelas entrevistadas, como por exemplo: a força que motivou a educadora Lúcia em dar continuidade aos seus estudos procurando estudar no município vizinho, e ao mesmo tempo aproveitando essa motivação para fazer uma crítica para com os políticos daquela época, procurando entender o porquê de um município tão próximo (Goiana/PE) oferecia escolaridade e garantia a continuidade dessa escolaridade e o município de Caaporã/PB de influência comercial que servia de caminho de passagem com destino a outros municípios circunvizinhos, nem se quer, pensava em uma organização escolar estruturada. Bem como, em suas declarações a educadora Lúcia afirma também, a preocupação mediada por interesses políticos de apenas letrar o povo para exercer a atividades do dia a dia e comprovar junto às





**IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”**  
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

autoridades estaduais que o município estava preocupado com a formação de seus cidadãos, porém não existia a inquietação em oferecer de fato, uma educação que garantisse a autonomia do povo, esclarecedora e estimuladora para a formação de sujeitos preocupados em transformar a sua realidade.

A educadora Carliete manifesta a sua alegria com a chegada do ensino secundário cujo, veio a se institucionalizar na cidade, do qual creio eu, manifestou-se em muitas pessoas que como ela, não tinham condições de pagar os estudos para dar continuidade a eles, o como, mesmo a escola sendo construída em um terreno antigo do cemitério a população estava ansiosa, pois era a oportunidade de dar a nova geração, a chance que muitos não tiveram em estudar. Foi possível perceber o processo lento para a estruturação da educação na cidade, onde a chegada do Ensino Primário e Secundário, estão bem distantes do que as reformas nacionais instituíram para acontecer a nível nacional. Nesse, trabalho foi possível perceber às influencias políticas existentes no meio educacional, pois segundo Carliete o prefeito só veio a desejar manter o ensino secundário, depois de anos e anos, por que a população clamava por isso, e não atender a população é decretar a não reeleição do mandato.

A despreocupação com o ensino primário é evidente nas falas das educadoras, a principio existia sim a preocupação de pessoas da própria comunidade em oferecer o ensino das letras, alguns disponibilizando até suas casas, de pessoas que conheciam e tinham conhecimento com certos políticos e por meio disso procuravam trazer alguns benefícios para a cidade, porém, buscar esse tipo de interferência causa em certo momento, a dependência da população que fica vinculada apenas a um político que, está principalmente preocupado em manter-se politicamente. Pode-se verificar isso, nas declarações dadas pela educadora Lúcia onde a mesma utilizou-se de recursos próprios para estudar, e dar continuidade a sua escolarização com dificuldades em outro município, enquanto Carliete, em meio as suas dificuldades financeiras, com o pouco que tinha pagava seus estudos na tentativa de garantir um futuro diferente daqueles, que socialmente aceitavam a sua condição de sujeitos que nasceram apenas para a agricultura da cana de açúcar.

Foram bem observadas nas declarações que a educação só toma ênfase na cidade quando o município vem a ser emancipado, emergindo assim, a idéia de que sujeitos instruídos são a





## IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

garantia de que o município passa a evoluir rumo ao progresso do país conforme os olhos das autoridades estatais.

Os relatos obtidos por fontes orais dizem respeito a fatos não registrados oficialmente, apresentando assim, o importante papel que o resgate da memória através dos relatos de quem viveu certos acontecimentos é de fundamental importância na construção e produção da história social e principalmente da história da educação articulando o passado, o presente e o futuro, oportunizando uma leitura diferente de ler a história dos primórdios da educação primária e secundária no município de Caaporã/PB nos anos de 1949 à 1970.

### Referências

BARBANTI, Maria Lúcia S. Hilsdorf (1977). **Escolas americanas de confissão protestante na província de São Paulo: um estudo de suas origens**. São Paulo, FEUSP, dissertação de mestrado.

CARVALHO, Marta. M.C de Reformas da Instrução Pública. In: Lopes, Eliane M.T., FARIA FILHO, Luciano M., VEIGA, Cynthia G. **500 anos de educação no Brasil**, 3 ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. 32.ed. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis-RJ: Vozes, 1987.

GERMANO, J. W. **Estado Militar e Educação no Brasil (1964-1985)**. São Paulo: Cortez, 1994.

LE GOFF, Jaques. **História e memória**. 3.ed. Campinas, Universidade de Campinas, 1994.

LIMA, Lúcia Santos de. **A história de Caaporã/PB**. Editora, 2003.

LOWENTHAL, David. **Como Conhecemos o Passado. Projeto História (17)**. São Paulo: EDUC, 1981.

PINHEIRO, Antônio Carlos Ferreira. **Da era das cadeiras isoladas à era dos grupos escolares na Paraíba**. Campinas, São Paulo: Autores Associados: Universidade São Francisco, 2002. (Coleção Educação Contemporânea).

SANTOS, Boaventura. **Pela Mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. Lisboa: Edições Afrontamentos, 1994.

SOUZA, Rosa Fátima de. **História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX: ensino primário e secundário no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2008. 319 p.

VIDAL, Diana Gonçalves e FILHO, Luciano Mendes de Faria. **As lentes da história e historiografia da educação no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

### Entrevistas

LIMA, Lúcia Santos de. Entrevista realizada: 27/10/2010.

VIANA, Carliette Trajano dos Santos Viana. Entrevista realizada: 27/08/2010.

